

Agradável instrução: o uso da ironia em Swift e Mandeville

Luiz Henrique Alves de Souza Monzani

Universidade Federal de São Carlos (UFScar).

Quando se considera a discussão acerca do divertimento e do cômico, assunto, no mínimo, polêmico durante os séculos XVII e XVIII, costuma-se destacar uma corrente de pensamento que defende que o teatro é um meio pedagógico, que ensina o virtuoso e o vicioso aos espectadores, e que por esse meio poderia corrigir todas as falhas de caráter da sociedade. Um bom exemplo desse tipo de corrente é dado por d'Alembert:

Os espetáculos, se considerados só sob o aspecto de diversão, podem ser oferecidos aos homens, pelo menos como um brinquedo que se dá a crianças que estejam sofrendo. Mas não foi apenas um brinquedo que pretenderam dar-lhes, e sim lições úteis disfarçadas sob a aparência do prazer. Não apenas quiseram distrair essas crianças adultas de seus sofrimentos, como também que esse teatro, onde aparentemente só vão para rir e para chorar, se tornasse para elas, quase que sem que dessem por isso, uma escola de costumes e de virtude. (D'ALEMBERT, 1993, p. 167)

Essa citação ilustra bem não somente o pensamento desse filósofo, mas também as ideias da maioria dos pensadores daquele tempo, como Diderot, d'Alembert, De Jaucourt

e Marmontel. Todos acreditavam, mesmo que de modos diferentes, no valor positivo do teatro. Voltaire repetidas vezes, ao longo de sua extensa obra, defendeu o teatro e rebateu ao máximo todas as críticas a ele. De Jaucourt e Marmontel escreveram verbetes para a *Encyclopédie* em que defenderam os gêneros maiores do teatro, a tragédia e a comédia. Diderot, por seu lado, deixou seu nome na história com sua teoria do drama, exposta em algumas de suas obras mais famosas, como o *Discurso da poesia dramática* e d'Alembert elogiou as artes e as ciências no discurso preliminar da *Encyclopédie*. Por outro lado, havia outra corrente de pensamento que afirmava que a comédia encantava os espectadores como o canto da sereia, e misturava ações virtuosas e viciosas, não sendo possível ao espectador discernir o certo do errado; no máximo, dava uma indicação de como não se portar, o que mascara, mas está longe de corrigir os defeitos dos homens. Assim, para qualquer lado que se penda, invariavelmente notamos que o teatro esteve interligado com questões morais. Queremos aqui discutir essa relação que se estabelece entre o cômico e o moral, porém, em outro registro.

Na Inglaterra, no começo do século XVIII, dois autores provocaram grande polêmica com seus escritos: Jonathan Swift e Bernard Mandeville. O primeiro é reconhecido até hoje como um dos maiores satiristas, enquanto o segundo, esquecido pela tradição quando se enumera os pensadores desse tempo (às vezes, lembrado rapidamente em alguma discussão sobre economia), foi um filósofo importante durante sua época e causou grande rebuliço com a publicação de sua obra *Fable of bees* (*Fábula das abelhas*). Como sabemos, o cômico (ou mais especificamente nesses dois casos, a ironia) é usado largamente pelos dois autores em seus escritos, e não deixa de ser uma questão interessante saber porquê o autor de *História de um tonel* chocou tanto o seu tempo, ou porque o poema de Mandeville causou tanta discórdia. Podemos nos perguntar, então, qual o uso da sátira/ironia nesses pensadores?

Antes de mais nada, precisamos justificar nossa escolha. Como já dissemos, o fato dos dois escritores terem criado várias polêmicas no seu tempo, é um dos fatores. Mas é preciso observar que suas ideias não são iguais; ao contrário, vemos em alguns lugares teses diametralmente opostas sendo defendidas. Acreditamos que isso seja um fator relevante, pois possibilita observar como certos assuntos são tratados por autores de campos distintos, ainda mais levando-se em conta a proximidade das datas de suas publicações. Escolhemos, então, trabalhar principalmente com a *Modesta proposta* (1729) de Swift, e com *An essay on charity and charity-schools* (*Um ensaio sobre a caridade e as escolas de caridade*; 1723), de Mandeville.

No panfleto *Modesta Proposta* Swift propõe, como explica o subtítulo, "impedir que os filhos de gente pobre da Irlanda sejam um peso para os seus pais ou pais; e, para

torná-los úteis ao povo” discorrer acerca da questão da crescente população pobre presente na Irlanda; mais especificamente, sobre como torná-los úteis para a sociedade, pois os nascidos na condição de pobreza “ou bem viram ladrões, por falta de trabalho, ou bem abandonam o seu querido país natal para lutar pelo pretendente na Espanha, ou se vender à ilha de Barbados”. (SWIFT, 1999, p. 491) O motivo do autor, para escrever sobre isso, é singelo:

Por conseguinte, quem pudesse encontrar um método simples, barato e lícito para transformar essas crianças em membros úteis e sadios da comunidade, mereceria tais louvores do povo, a ponto de ter a sua estátua erigida como salvador da pátria. (SWIFT, 1999, p. 492)

Possibilitar que crianças sem nenhuma opção na vida transformem-se em “membros úteis e sadios da comunidade” parece uma empreitada nobre. Entretanto, já existia na Inglaterra um projeto (muito popular na época, como veremos) voltado exatamente para essa tarefa: eram as chamadas *charity-schools* (escolas de caridade). O projeto consistia basicamente em escolas, construídas e dirigidas por paróquias e subsidiadas por contribuições voluntárias dos habitantes, que tinham por objetivo ensinar crianças pobres a ler e escrever, bem como o conhecimento da aritmética, entre outras coisas. É a partir desse fato histórico que os dois pensadores escolhidos tornam-se interessantes.

Como dissemos anteriormente, o texto de Mandeville é chamado exatamente de “A caridade e as escolas de caridade”. O diagnóstico da situação é praticamente idêntico ao de Swift:

*Quão perverso deve ser o julgamento de alguns que não preferem ver as crianças decentemente vestidas com linho limpo pelo menos uma vez na semana e que de maneira ordenada seguem seu mestre para a igreja, do que [vê-las] em local aberto em companhia de *Black-Guards* sem camisas ou mesmo sem nada; essa insensibilidade por sua miséria está continuamente aumentando com juramentos e imprecizações! Pode alguém duvidar que este é o grande berço de ladrões e punquistas? (MANDEVILLE, 1988, p. 268)*

E, logo em seguida, explica a solução:

Isso será prevenido pelas escolas de caridade e, quando as crianças dos pobres receberem uma educação melhor, a sociedade irá em alguns anos colher o benefício disso, e a nação será limpa de tantos canalhas dos quais agora essa grande cidade e todo o país estão repletos. (MANDEVILLE, 1988, p. 268)

Como se nota, o problema discutido pelos dois autores é o mesmo: como remediar o problema da crescente população pobre presente na Inglaterra. Parece-nos, à primeira vista, que o dilema está solucionado por Mandeville, mas vejamos isso mais de perto, a partir da própria definição que o autor da *Fábula das abelhas* apresenta de caridade:

Caridade é aquela virtude pela qual parte daquele sincero amor que temos por nós mesmos é transferido puro e não maculado para outros, não atados a nós por laços de amizade ou consanguinidade, e mesmo a simples estranhos, pelos quais não temos nenhuma obrigação, nem esperança ou expectativa sobre algo. Se enfraquecermos de qualquer modo o rigor dessa definição, parte dessa virtude será perdida. (Ibidem, p. 253)

O rigor da definição é exemplar, e altamente restritivo; vemos rapidamente como é difícil obter tal virtude. Um dos problemas que nela se encontra, como explicará Mandeville, é a comum confusão dessa com a piedade e a compaixão, que são sentimentos de condolências quando vemos alguém sofrer algum infortúnio: quanto mais próximos estamos desse alguém, mais sofremos, e, quanto mais distantes, menos. Mas por que ocorre essa distinção? Isso parece indicar que já haveria algo para além dessas virtudes atuando no homem. Vejamos, então, o que ele tem a nos dizer sobre a natureza humana:

A natureza humana é igual em todos os lugares: Gênio, Inteligência e partes naturais são sempre aguçadas pela aplicação e podem ser aprimoradas tanto na prática da pior vilania como também no exercício industrioso ou da virtude mais heróica. Não existe estação/posto da vida onde Orgulho, Emulação e o Amor por Glória não são exibidas. (Ibidem, p. 275)

O homem não é composto apenas de virtudes; não pode existir natureza humana sem, ao mesmo tempo, serem exibidos os traços humanos viciosos. Vale lembrar que em sua *Investigação sobre a origem da virtude moral*, Mandeville afirma que o homem pode ser feito sociável, mas que também é "extraordinariamente egoísta e cabeça dura" (*selfish and headstrong*) (Ibidem, p. 42), e que é somente por um artil elaborado que pôde vir a formar uma sociedade:

A principal coisa, portanto, na qual legisladores e outros homens sábios que labutaram para o estabelecimento da sociedade se empenharam, foi em fazer o povo acreditar que eles foram feitos para governar e que é mais benéfico para todos conquistar do que satisfazer seus apetites, e muito melhor cuidar do [que é] público do que se afigura ser seu interesse privado. (Ibidem, p. 42)

Formar uma sociedade é uma tarefa complexa, pois para tanto precisa que o homem abdique exatamente de seus apetites, desejos e paixões. O homem precisa submetê-los à vontade de outro, discipliná-los, abandonar seu interesse em prol do bem comum: e isso não é tarefa fácil; pelo contrário, já que o homem não é naturalmente apto para a vida em sociedade, como esclarece Mandeville:

Todos os animais não educados possuem apenas o afã de satisfazerem a si próprios e seguem naturalmente a tendência de suas inclinações, sem considerar o bem ou o dano que sua própria satisfação pode ocasionar aos outros. Essa é a razão pela qual no estado de natureza selvagem as criaturas mais aptas a viver juntas pacificamente e em grande número são aquelas com o menor entendimento e com o menor número de apetites para gratificar; conseqüentemente, nenhuma espécie de animal é mais incapaz do que a espécie humana de concordar por muito tempo em multidão, sem o freio do governo. (Ibidem, p. 41)

O que mais afeta uma natureza caracterizada como 'egoísta e cabeça dura'? Somente pela bajulação contínua será desenvolvido aquilo que é comumente chamado de "virtude moral": "O que impulsionou tanto, até o mais alto grau de abnegação, não foi outra coisa senão a sagacidade (*policy*) de fazer uso dos meios mais efetivos de lisonjear o orgulho

humano". (Ibidem, p. 51) Tornar o homem apto à sociedade, então, é obra "da hábil direção dos políticos astutos; e quanto mais nos aprofundamos na natureza humana, mais convencidos ficaremos de que as virtudes morais são a prole política que a adulação engendra no orgulho" (Ibidem).

É apenas por meio de um encantador mecanismo (*bewitching engine*) que o homem poderá vir a viver em sociedade: a bajulação. Com as lisonjas de suas próprias qualidades, com as adulações que demonstram sua grande superioridade perante outros seres naturais, que louvam seu vasto entendimento é que se pode penetrar no âmago do que é humano e fazer com que os homens acreditem em noções como as de honra e vergonha:

Depois de terem se insinuado nos corações dos homens por meio dessa ardilosa adulação, começaram a instruí-los nas noções de honra e vergonha, representando um como o pior dos males e o outro como o mais alto bem a que podem aspirar os mortais. (Ibidem, p. 43)

Não é, então, um reconhecimento emotivo pelo sofrimento do outro que nos leva a ter piedade, pois o que agita essa compaixão é um constrangimento social a que fomos acostumados:

É a humanidade que nos ordena a (bid us) ter compaixão para com o sofrimento dos outros, e a razão nos diz que quer uma coisa esteja longe ou seja feita à nossa frente, nossos sentimentos relativos a ela devem ser os mesmos, e nós devemos ter vergonha de admitir que não sentimos comiseração alguma quando algo a requer. (Ibidem, p. 256)

Assim, o convívio social nos "ensina" que devemos sentir vergonha, que é representado como "o pior de todos os males" (Ibidem, p.43), que o homem torna-se obrigado a ter sentimentos com relação àquela. Por isso Mandeville, como resume F. B. Kaye, "não nega a existência do que é usualmente chamado de virtude, mas apenas sustenta que isso não é virtude verdadeira" (KAYE, 1988: lxxvi). Estamos sempre perante um jogo de aparências, e assim torna-se cristalina a verdadeira opinião de Mandeville acerca das escolas de caridade. Ele diz: "Escolas de caridade, e tudo o mais que promove ociosidade

e impede o pobre de trabalhar, são mais acessórios para o crescimento da vilania do que ânsia de ler e escrever” (Ibidem, p. 271).

É a partir desse ácido diagnóstico que Mandeville parte para o ataque, para mostrar quais as causas reais da existência da caridade e das escolas que a promovem: o “orgulho” (Ibidem, p. 278) de ajudar e “o baixo custo” que isso representa para os contribuintes (assim ninguém se importa em doar; Ibidem, p. 280) que assim adquirem “fama” (Ibidem, p. 279) que as doações trazem àqueles que as fazem, nos mostram que na verdade quem doa não está exatamente preocupado com os desfavorecidos. O mesmo ocorreria com os párocos, que estão no controle de tudo, e com os paroquianos, por acreditarem que assim estariam redimidos de seus pecados.

Por isso, virtude nada mais é, como afirma Mandeville, do que “toda *performance*, pelo qual o homem, contrário ao impulso da natureza, deve empenhar-se para benefício dos outros, ou a conquista de suas próprias paixões a partir de uma ambição racional de ser bom” (Ibidem, p. 48-49). Assim, a virtude é uma ambição racional, portanto, não comandada por emoções. Para explicar esse ponto, é necessário relembrarmos a passagem do texto no qual Mandeville descreverá o motivo das escolas de caridade serem tão populares para pessoas de todas as condições sociais. Essa descrição ocorre em três momentos: no primeiro, Mandeville dirá como um governador atencioso designa um bispo para uma escola de caridade, e como todas as pessoas ficam felizes com a preocupação do político, que é ainda mais louvado por não poupar esforços para ser útil às crianças. Em um segundo momento, descreve como os párocos também se importam, ao ficarem cientes que alguns de seus fiéis receberam uma herança e que podem contribuir para a construção ou reforma da escola e, por fim, anota como todos os paroquianos também se sentem parte da solução desse problema, pois sempre contribuem com a causa das crianças, e elogiam a habilidade e o talento do pároco em emocionar as pessoas no sermão de caridade.

É neste momento que a sátira ganha força: Mandeville dirá que quando um governador consegue um bispo para uma escola, ele o faz para se exortar mais do que o comum e para arrancar elogios de todas as pessoas que veem essa ação como um gesto nobre, algo que, na verdade, não passa de um ardid político para cair nas graças das pessoas, e é este fato que Mandeville ironiza através de uma pretensa fala desse governador, que afirma ao povo que viajou uma noite inteira somente para obter um par de mangas de fino linho (*lawn sleeves*) produzidas pelos “pobres cordeiros”, para mostrar que agora

¹ ‘*Lawn sleeves*’ diz respeito às mangas que eram próprias da vestimenta cerimonial dos bispos anglicanos. Elas eram produzidas com esse fino linho para representar a dignidade ou ofício de um bispo.

eles são úteis e produzem algo para a sociedade. Por sua vez, quando os párocos tomam a palavra, é para tentar extrair dinheiro dos paroquianos, e o restante da população, finaliza Mandeville, gostaria de doar apenas uma pequena quantidade de dinheiro, mas, apesar de elogiarem as 'boas intenções' do pároco, reclamam que seja sempre ele quem melhor persuade e que, com seus belos sermões, acaba fazendo com que todos doem muito mais do que intencionavam ao sair de casa. Em todos os níveis da sociedade, a ironia de Mandeville desmascara o que está por trás dessas virtudes proclamadas por todos: elas não passam de um cálculo que pretende sempre atingir um fim determinado, qual seja, satisfazer o próprio egoísmo. As escolas de caridade, desse modo, nada mais seriam do que um método de fomentar a vaidade daqueles que se empenham em instituí-las e mantê-las, e apenas indiretamente acabam por contribuir um pouco com os desamparados.

A respeito dos mesmos desamparados e do modo como as autoridades devem tratá-los, Swift irá propor uma solução audaciosa:

Um americano muito sabido, do meu Conhecimento em Londres, assegurou-me que uma criancinha sadia e bem criada é, com um ano de idade, o alimento mais delicioso, nutritivo e benéfico que existe, seja cozida, grelhada, assada ou ferventada; e não duvido de que sirva igualmente para um fricassê ou ragu. (SWIFT, 1999, p. 494)

O plano é bem simples: as crianças pobres, quando completassem um ano, deviam ser vendidas para as "pessoas de qualidade e fortuna" do mesmo como "carneiros, touros ou porcos", pois seria um grande ganho o acréscimo de um novo prato à mesa (Ibidem, p. 499); além disso, aqueles que não quisessem desperdiçar nada, poderiam "esfolar a carcaça, cuja pele, artificialmente tratada, dará admiráveis luvas para senhoras e botas de verão para cavalheiros finos" (Ibidem, p. 496). Os ganhos desse empreendimento são inúmeros, e contemplam todos os lados: as mães terão lucro com a venda, pois o custo para sustentar a criança durante um ano é quatro vezes menor que seu preço de venda; as mulheres seriam tratadas melhor por seus maridos, pois "não ameaçariam mais espancá-las nem dar-lhes pontapés (prática hoje tão freqüente), por medo de um aborto" (Ibidem, p. 500); além, claro, do controle da população pobre e a consequente diminuição de bandidos.

Ora, não há dúvida de que Swift está sendo irônico durante todo esse panfleto, pois ao mesmo tempo que enumera as vantagens de se "comprar crianças vivas e prepará-las ainda quentes da facada" (Ibidem, p. 496), ele intercala vários exemplos de medidas necessárias para a melhoria do bem-estar de todos. Então, poderíamos nos indagar, por que ele (e também Mandeville) não opta por tratar o tema unicamente de modo sério, no lugar de também ironiza-lo? Trata-se tão somente de ridicularizar essas instituições tão emblemáticas de nossas pretensas virtudes?

Precisamos nesse ponto, mesmo que de modo frágil, tentar definir o que está em jogo nos escritos desses dois autores, isto é, tentar desvendar o significado e quais implicações desse uso da ironia. Italo Calvino, em um artigo sobre o cômico, pode nos ajudar nessa tarefa, apesar de suas ressalvas contra a sátira. Segundo ele, "a sátira tem um componente de moralismo e um componente de zombaria". (CALVINO, 2009, p. 188) A mescla desses elementos é a explicação para o duplo sentido que é sua característica marcante, pois ela é uma mistura de atração e repulsão perante o objeto de sua sátira, pois "o satírico é obstaculizado pela repulsão por compreender melhor o mundo pelo qual é atraído, e obrigado pela atração a ocupar-se do mundo que lhe causa repulsa" (Ibidem, p. 189). Desse modo, podemos "dizer uma coisa ao menos de duas maneiras: a maneira como quem a diz quer dizer aquela coisa e somente ela; e uma maneira como queremos dizer, sim, aquela coisa, mas ao mesmo tempo recordar que o mundo é muito mais complicado e vasto e contraditório". A ironia, portanto, vale na medida em que possibilita uma "espécie de distanciamento do específico", (Ibidem) ou seja, a ironia, ao alterar a feição de um caso particular possibilita a visão de problemas muito maiores. Ou, como o mesmo Calvino explicita no seguinte trecho, o uso da ironia

É, antes, um método, um tipo de relação com o mundo que pode informar de si manifestações diversas e diárias de uma civilização. Pensemos no quanto o sense of humour contou na civilização inglesa, e não só, mas no quanto contou no enriquecimento da ironia literária com dimensões fundamentais, desconhecidas do mundo clássico: e não me refiro tanto ao fundo de melancólica simpatia pelo mundo, mas antes à primeira virtude de todo verdadeiro "humorista": envolver na própria ironia também a si mesmo. (Ibidem)

Assim, ao nos fiarmos nas palavras de Calvino, entenderíamos que a ironia teria como função ou como uma de suas principais funções tornar o argumento muito mais interessante e agradável para aquele a quem se dirige do que se fosse exposto de modo sério e pontual. Seria, talvez, possível aproximar os nossos dois autores dos defensores do teatro na França dos séculos XVII e XVIII. Para nos referirmos à citação do início desse texto, era preciso que o teatro transmitisse a virtude e a moral ao seu público, fazendo com que a própria apresentação cênica fosse um meio agradável de transmissão.² Para Mandeville e Swift, no entanto, a agradabilidade do argumento seria conquistada pela própria acidez da ironia, por meio de exemplos e imagens sarcásticas, que ao recorrer, por vezes, ao exagero e ao absurdo, expõe a hipocrisia de uma sociedade que se considera humana e caridosa. Então, a ironia, que diverte pelo contraste que cria ao dizer o contrário do que se quer dar a entender, ao mesmo tempo seria capaz de expor claramente os vícios e as virtudes. Como diz Swift, mas que poderiam muito bem ser palavras de Mandeville, "uma das melhores e mais elevadas ações humanas, a meu ver, é remover preconceitos e colocar as coisas na sua luz mais verdadeira e clara (SWIFT, 1999, p. 218).

A ironia, portanto, funcionaria em Swift e em Mandeville como um método mais eficiente para se alcançar o leitor. Seria, também, um modo de atacar toda uma tradição que já estava acostumada, como diz Swift, com a constante repetição do mesmo, e um meio eficaz de se apresentar algo útil ao público sem, entretanto, aborrecê-lo. Como afirma Swift, em um trecho em que o uso da ironia é defendido de maneira irônica, é preciso apresentar ao leitor algo que não seja mera "carne de porco":

(...) todas as virtudes que jamais teve a humanidade podem ser contadas nos dedos, mas os seus vícios e loucuras são inumeráveis, e de hora em hora o tempo torna a pilha [ainda] maior. Então, nada mais pode fazer um pobre poeta do que aprender de cor a lista

² Entretanto, como apontaram diversos críticos dessa corrente, como Rousseau, o teatro nada mais faz do que pintar o quadro das paixões humanas e no fim só adula essas paixões e acompanha o sentimento do público. Caso tentasse ensiná-los a agir de modo contrário ao que estão acostumados, os espectadores logo iriam embora e a peça seria um fracasso. Por isso, para ficarmos no exemplo do genebrino, ele é taxativo ao dizer que não se pode atribuir ao teatro "o poder de modificar os sentimentos nem os costumes, que ele só pode obedecer e embelezar". (ROUSSEAU, 1993, p. 41)

das virtudes cardeais e reparti-las com o máximo de liberalidade com o seu herói ou o patrono: por mais que ele alcance propalar as mudanças e diversificar à exaustão sua frase, rapidamente o leitor, porém, percebe que tudo é carne de porco com uma pequena variação no molho. (Ibidem, p. 113)

Retomando a questão que deixamos aberta, fica claro que não se trata apenas de ridicularizar a situação. Escrever mais e mais tratados, repletos de citações e retórica pouco diria ao leitor moderno. Não é, portanto, uma mera zombaria ou deboche. A ironia é a forma de um questionamento, pois causa uma incompatibilidade com as verdades comumente aceitas.

Vemos, então, que o mesmo motivo encontra-se descrito pelos dois autores em seus livros. Swift, por um lado, afirma que "tendo destrinchado cuidadosamente a natureza humana, fiz uma nova descoberta muito estranha e importante; qual seja, que o bem geral da humanidade se processa a dois modos, por instrução e diversão", e algumas linhas adiante, "dada a atual disposição da humanidade, muito maior proveito lhe advém de ser divertida que instruída" e, por isso, tentou "levar a questão às suas alturas máximas e, por conseguinte, destramente mesclou uma camada de *Utile* a uma camada de *Dulce*" (SWIFT, 1999, p. 183-184), enquanto na *Vindication* de seu livro, Mandeville afirma que seu livro "foi projetado para o entretenimento das pessoas de conhecimento e educação, quando têm uma horinha livre e que não sabem como gastar de modo melhor" e que ele se considerava satisfeito por ter divertido "pessoas de grande probidade e virtude, e de bom senso inquestionável" (MANDEVILLE, 1988, p. 404-405). Ou ainda, como conclui Ítalo Calvino em seu artigo, com um elogio a Swift, mas que acreditamos poder se estender também à Mandeville, "nos tornamos pequeninos diante da sátira quando a carga da fúria derrisória é levada às últimas conseqüências e ultrapassa o limiar do particular para pôr em questão todo o gênero humano, confinando com uma concepção trágica do mundo" (CALVINO, 2009, p. 189).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, I. "*Definições de território: o cômico*". In: *Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

D'ALEMBERT. "*Carta a J.-J. Rousseau*". In: *Carta a d'Alembert*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

KAYE, F.B. "Introduction". In: *Fable of Bees*. Indianapolis: Liberty Fund, 1988.

MANDEVILLE, B. *Fable of Bees*. Volume One. Indianapolis: Liberty Fund, 1988.

ROUSSEAU, J.-J. *Carta a d'Alembert*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

SWIFT, J. "Modesta Proposta". In: *Panfletos satíricos*. Tradução Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.